Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação
Caroline Balduci de Mello

DOCUMENTÁRIO: MATERNIDADE COMPULSÓRIA

Uma revisão do que significa a maternidade sob o ponto de vista do feminismo

Bauru
2016

Caroline Balduci de Mello

MATERNIDADE COMPULSÓRIA

Uma revisão do que significa a maternidade sob o ponto de vista do feminismo

Documentário apresentado em cumprimento parcial às exigências do Curso de Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, do Departamento de Comunicação Social, da UNESP – Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho", para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo.

Orientador do Projeto Experimental

Prof. Dr. Denis Porto Renó

Bauru
2016

Caroline Balduci de Mello

MATERNIDADE COMPULSÓRIA
Uma revisão do que significa a maternidade sob o ponto de vista do feminismo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual Paulista como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo.

Aprovado em __/__/__

BANCA EXAMINADORA

_____
Prof.ª Juliana Gobbi Betti
Membro da Banca Examinadora

_____
Prof. Juliano Sousa
Membro da Banca Examinadora

_____
Prof. Dr. Denis Porto Renó
Orientador e presidente da Banca Examinadora

Dedicatória

Dedico este documentário a todas as mulheres do Brasil, sejam elas mães ou não. Que elas se inspirem a ter coragem para ser quem são e não quem a sociedade quer que elas sejam.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente ao Professor Denis, que aceitou me orientar neste trabalho e compartilhou comigo dicas valiosas que me ajudaram a percorrer o caminho de maneira mais fácil.

Agradeço também aos meus pais, que além de terem fornecido os equipamentos necessários para a produção do documentário, me acompanharam nas entrevistas sem nunca questionar ou julgar qualquer tema debatido.

Agradeço ainda à minha grande amiga Camila, que me ajudou muito quando eu estava indecisa quanto à cores, letras, detalhes de edição, fontes e ainda me ofereceu abrigo quando precisei viajar para São Paulo.

Por fim mas não menos importante, agradeço ao meu amor, que tanto me apoiou nesse processo e com quem um dia pretendo descobrir o que significa ser mãe.de verdade.

MATERNIDADE COMPULSÓRIA

Resumo

"Maternidade Compulsória" é um documentário linear que dá voz a mães e mulheres para falar sobre o outro lado da maternidade, aquilo que não está registrado nos álbuns de família, redes sociais e ausente até mesmo das conversas mais íntimas. Na obra, personagens discutem sobre como ser mãe é um trabalho cansativo e a forma com que a sociedade julga mulheres que têm coragem de se abrir e gritar ao mundo que odeiam a maternidade. O documentário também aborda as dificuldades que pais participativos sentem na criação dos filhos, mulheres que gostam de ser mães, aquelas que não querem reproduzir e ativistas feministas que problematizam a situação.

Palavras-chave: maternidade, mulher, feminismo

Abstract

"I Hate Motherhood, I Love my Child" is a documentary in which women and mothers talk about the other side of motherhood, what is not registered on family albums, social media and absent even at the most intimate conversations. In the work, the characters discuss about how being a mom is a tiring labor and the way that society judges women who have the courage to open up and shout to the world that they hate motherhood. The documentary also approaches the difficulties that participatory dads feel raising their children, women who like to be mothers, those who do not want to reproduce and feminist activists who problematize the situation.

Key-words: motherhood, woman, feminism

SUMÁRIO

1.0 Introdução 8

2.0 Fundamentação Teórica 10

2.1 Os primórdios do Feminismo 10

2.2 O feminismo e a internet 11

2.3 O caso de Juliana Reis 12

2.4 Feminismo e maternidade 13

2.5 Documentário 14

2.6 Entrevista 15

3.0 Planejamento do Produto Jornalístico 16

3.1 Passo a passo 16

Tabela 1 – Entrevistados e Referências 17

4.0 Metodologia 18

4.1 Ideia inicial 18

4.2 Execução 19

5.0 Considerações Finais 21

Apêndice 1 – Roteiro 22

6.0 Referências Bibliográficas 31

1 Introdução

Desde o início da história humana a maternidade tem sido algo compulsório para as mulheres. Depois de muita luta feminista, conseguimos o direito de votar e pudemos ocupar o mercado de trabalho com maior liberdade, mas ser mãe continuou sendo uma de nossas tarefas e destino iminente. Aquelas que cedem à pressão social ou de fato desejam reproduzir e constituir uma família ainda precisam lidar com uma série de problemas. Negligência do pai da criança mesmo estando presente todos os dias; ou mesmo quando o relacionamento amoroso acaba, a responsabilidade de criação fica inteiramente depositada nas costas da mãe. Estas são algumas das questões mais importantes que essas mulheres enfrentam em silêncio.

No início de 2016 a dona de casa Juliana Reis, de 25 anos, foi convidada a participar de um desafio na rede social Facebook, no qual as mulheres deviam postar fotos de momentos felizes com seus filhos. Juliana enxergou nisso uma oportunidade para acabar com esse sofrimento silencioso: fez um desabafo em seu perfil, explicando como é difícil ser mãe, principalmente estando sozinha. Ela revelou que se sentia exausta e protestou contra a hipocrisia com a qual a sociedade trata a maternidade, como se tudo fosse maravilhoso. Seu post teve mais de vinte mil compartilhamentos, e alcançou cerca de cento e vinte mil pessoas.

O evento causou uma intensificação na discussão entre ativistas feministas a respeito da maternidade e durante todo o ano houve manifestações nas redes sociais sobre o assunto. Assim como todos os outros aspectos da vivência feminina, a maternidade também sofre com a violência do machismo, que se traduz principalmente na sobrecarga de tarefas relacionadas à criação dos filhos nos ombros das mulheres, enquanto os homens não parecem ter essa obrigação na sociedade em que vivemos. Um dos objetivos principais do documentário "Maternidade Compulsória" é discutir a diferença entre ser mãe e o sentimento que a mulher nutre pelo filho, deixando de lado qualquer julgamento ou preconceito com relação às mães e mulheres.

A maternidade é apenas um dos muitos tópicos que estão sendo discutidos no movimento feminista. 2016 foi um ano chave para que essa discussão ganhasse mais espaço devido ao desabafo virtual feito por Juliana Reis, que será explicado com mais detalhes no decorrer do relatório. O grupo social no qual se encaixam as mães ainda sofre muitas vezes sem reclamar as penalidades que a vida traz quando um filho nasce. Toda a sobrecarga, todo o trabalho e o desgaste tanto físico quanto emocional e até psicológico ainda não são problematizados. Parece que ouvimos as mães reclamarem há tanto tempo que isso deixou de parecer uma queixa para se tornar apenas mais uma das características que montam uma mãe:

estão sempre reclamando da bagunça, repetem várias vezes que gostariam de sumir, viajar, ir para bem longe, reclamam que os filhos não obedecem, que os maridos não ajudam etc.

Isso deveria ser normal? Ou deveríamos colaborar com as nossas mães, esposas e mulheres da família não só com as tarefas da casa mas também com suas necessidades emocionais e psicológicas?

Uma mulher não deixa de ser mulher quando se torna mãe. Ou pelo menos não deveria. Ninguém está falando sobre o quão problemático é as pessoas acharem normal um pai abandonar o filho, mas quando uma mãe faz isso a história repercute muito mais, vira notívia e até caso de polícia.

É importante registrar essa nova discussão como documentário porque serve como um pontapé inicial para as rodas de conversa, exposições de ponto de vista e debates. Mais do que simplesmente expor a minha opinião sobre o assunto, é necessário que as pessoas comecem a falar sobre isso, olhem para as próprias mães e vejam se elas são mulheres que atingiram seus objetivos na vida ou se abriram mão de interesses, sonhos e objetivos em prol dos filhos. O documentário causa impacto. E na forma como é apresentado, numa plataforma relativamente democrática de acesso, qualquer pessoa com internet pode assistir e refletir sobre o assunto.

2. Fundamentação Teórica

Por mais que o documentário seja considerado um produto jornalístico, uma reflexão teórica ajuda o futuro jornalista a atravessar o projeto com uma base consistente de conteúdo para não chegar numa entrevista, por exemplo, sem saber contornar imprevistos e conduzi-la da maneira que melhor se encaixa aos propósitos do documentário. A fundamentação teórica é construída por conceitos e ideias sobre o documentário e o tema abordado por ele neste trabalho. Afinal, trata-se de um importante momento metodológico que buscar sustentar uma produção que atenda às exigências da linguagem e do discurso apresentado na obra.

2.1 Os primórdios do Feminismo

O papel da mulher na sociedade foi, desde o início da sociedade como a conhecemos, ficar em casa e cuidar da prole. Mesmo quando ainda rabiscávamos as paredes da caverna, quem saía para caçar eram os homens, já que tinham mais força e mais agilidade. O tempo passou, as tarefas mudaram e os seres humanos conseguiram transformar o ambiente ao redor ao invés de se adaptar a ele. Mesmo com a passagem do tempo e a mudança do que significava viver em sociedade, as mulheres continuaram sendo responsáveis por tarefas domésticas; a exemplo disso, o período colonial no Brasil.

> Além das atividades do lar (organização da cozinha, cuidado com as crianças, direção dos trabalhos das escravas), cabia ainda à mulher tarefas como a fiação, tecelagem, rendas e bordados (...). Muitas vezes a mulher branca foi descrita como indolente e preguiçosa. De qualquer modo, o fundamental era que ela se colocasse de forma subalterna em relação ao homem, aceitando passivamente o que lhe foi determinado. (TELES, 1993, p.19)

Isso para não citar o tratamento dedicado às mulheres negras e indígenas, que mal eram consideradas como seres humanos. As primeiras mobilizações que podem ser consideradas feministas aconteceram ainda na Primeira República, enquanto homens e mulheres enfrentavam jornadas intermináveis de trabalho com salários miseráveis e sem legislação alguma que assegurasse os direitos deles.

> A mulher operária, duplamente explorada por trabalhar na fábrica e no lar, tinha sempre os salários mais baixos e as jornadas de trabalho maiores. Poucas referências encontramos quanto às trabalhadoras. Lutavam juntamente com os homens, embora suas conquistas fossem sempre menores. (TELES, 1993, p. 42)

Todo o período histórico que se seguiu, da Segunda República e depois o Regime Militar, assim como a Era Colonial e a Primeira República, foram momentos complicados para viver sendo mulher. A única conclusão possível é a seguinte: até onde se conhece a história da humanidade, nunca foi fácil viver como mulher. Na ditadura:

> (...) as mulheres puderam sentir as discriminações por parte de seus próprios companheiros, tanto pela superproteção, como pela subestimação de sua capacidade física e intelectual. Quando caíram nas mãos do inimigo, enfrentaram a tortura e seus algozes aproveitaram-se delas para a prática da violência sexual. (TELES, 1993, p.71)

Manifestações primórdias que podem ser consideradas feministas vieram de mulheres da periferia de São Paulo. Eram grupos de mães e donas de casa que se articulavam através de abaixo-assinados e se reuniam com outros moradores para discutir os principais problemas dos bairros pobres e levá-los às autoridades competentes.

Esses grupos chegaram inclusive a falar sobre assuntos polêmicos e proibidos ainda na década de 1980 como homossexualidade, aborto e sexualidade. De acordo com Teles, alguns dirigentes políticos e religiosos perseguiam as feministas para impedi-las de falar sobre sexualidade, violência sexual e doméstica, aborto e tudo que envolvesse a condição feminina (1993, p.76).

A história do feminismo no Brasil vai além, passando pela criação do 8 de Março como Dia Internacional da Mulher, movimentos de luta por creches, discussão de violência, trabalhadoras rurais, sexualidade, saúde entre outros. Apesar disso, o próximo passo é pular para o período histórico atual: a era da internet.

2.2 O feminismo e a internet

O feminismo ganhou força com o advento da internet principalmente porque ela abriu espaços, mesmo que virtuais, para grupos sociais se manifestarem e organizarem encontros na vida real. Isso significa que não só as mulheres, mas também a classe LGBT, religiosos e até categorias trabalhistas encontraram na rede mundial de computadores um ambiente democrático de discussão e mudança.

A internet trouxe para o movimento feminista nomes que antes se encontravam no limbo do anonimato. Stephanie Ribeiro, Djamila Ribeiro, Clara Averbuck e Mariana Messias, por exemplo, são mulheres que, devido às redes sociais, ganharam muito mais destaque e seguidores do que se continuassem com a militância fora da internet. Isso influencia os dois

lados, porém: ao mesmo tempo que a internet ajuda o movimento a ganhar destaque, também pode atrapalhar quando dissemina falsas ideologias sobre o feminismo, pro exemplo.

É no meio virtual que campanhas como Chega de Fiu Fiu, idealizada pelo portal de comunicação feminista *Think* Olga, alcança mulheres de diferentes classes sociais em diversos lugares do país. Em pouco mais de duas semanas, cerca de 8 mil mulheres responderam ao questionário da campanha, que tratava de assédio sexual na rua. Outras campanhas como #meuprimeiroassédio, #meuamigosecreto e #vamosfazerumescândalo, *hashtags* criadas para o *Twitter*, ganharam incontáveis relatos de abusos e assédios sexuais das mais distintas origens: ambiente de trabalho, escola e até mesmo dentro da família das mulheres que participaram.

Há ainda ativistas como Julia Tolezano, que produzem conteúdo para meios como o *Youtube*. O canal dela, Jout Jout Prazer, alcançou mais de 2,4 milhões de visualizações com o vídeo "Não Tira o Batom Vermelho", no qual expõe as características de um relacionamento abusivo.

2.3 O caso de Juliana Reis

Em fevereiro de 2016, foi lançado no Facebook um desafio para as mamães conectadas: caso fossem escolhidas pelos seus amigos, deveriam compartilhar fotos em momentos felizes com seus filhos e mensagens de amor e carinho.

A dona de casa Juliana Reis, de 25 anos, tomou o desafio como oportunidade para um desabafo de como era difícil ser mãe. Fez um texto explicando os motivos pelos quais se sentia exausta e protestou contra a hipocrisia com a qual a sociedade trata a maternidade, como se tudo fosse maravilhoso.

"Primeiramente eu quero deixar bem claro que eu amo meu filho, mas estou detestando ser mãe". A frase exposta no perfil dela, em meio a outras palavras de dor e desabafo bastou para que o post se tornasse viral: cerca de 80 mil pessoas curtiram a publicação e milhares comentaram. Alguns oferecendo apoio, outros, desprezo e julgamento.

O que aconteceu chamou a atenção da causa feminista: o que é ser mãe? As mães sozinhas estão sendo incluídas nas discussões? Quais são as pautas delas? E onde estão os pais das crianças? Por que a mulher tem que ficar sobrecarregada enquanto o homem não precisa se comprometer tanto?

O objeto do documentário será, portanto, a maternidade e tudo o que ela representa, expondo os aspectos ruins e dos quais ninguém fala. Para isso a plataforma escolhida é a de

documentário. Sem o compromisso severo da linguagem televisiva, a montagem final tem intenção de tornar o produto acessível para quem consome conteúdo audiovisual na internet.

Pretendeu-se, ainda, criar um website simples para hospedar o vídeo e informações complementares que sejam citadas no documentário.

Com isso, são definidos os objetivos do produto, quais serão as etapas de produção e os conceitos estudados sobre telejornalismo como roteiro, captação de imagem e som e edição do conteúdo.

2.4 Feminismo e maternidade

Conforme apresentado na introdução, o caso de Juliana Reis no começo deste ano foi suficiente para acalorar a discussão a respeito da maternidade dentro do movimento feminista. Isso não significa que o assunto não tenha sido discutido antes. De acordo com a pesquisadora de direitos humanos das mulheres, Cynthia Semíramis Machado Vianna, em artigo publicado no Observatório da Imprensa:

> A única interrupção nesses elogios rasgados à maternidade ocorreu em meados do século 20, com o movimento feminista. Foram questionadas a maternidade obrigatória, a proibição da interrupção da gravidez por vontade da gestante, a necessidade de casamento para constituir família, as dificuldades para conciliar trabalho e maternidade, a falta de políticas públicas para mães solteiras (...) e até se chegou a analisar se o tão falado sentimento maternal seria algo inato ou construído socialmente. (VIANNA, 2009, p.___)

O objeto de estudo de Vianna vai ao encontro do que foi discutido no documentário. Um dos aspectos questionado em sua linha de pesquisa é a forma com que as mulheres são julgadas pela sociedade quando abandonam os filhos enquanto homens que fazem isso não são punidos de nenhuma forma. Ao mesmo tempo aquelas que preferem trabalhar de forma remunerada sofrem pressão de todos os lados, inclusive da família, o que causa um sentimento de culpa por não se dedicarem exclusivamente aos filhos.

> Ainda há muito a ser discutido, libertando as pessoas de visões estereotipadas e preconcebidas e possibilitando que, no caso da maternidade, este não seja o único caminho aceitável na vida de uma mulher. E, caso a escolha seja pela maternidade, que lhe sejam proporcionadas condições (e não julgamentos) para que ela tenha a vida que escolheu, seja se dedicando a cuidar das crianças, seja também desenvolvendo atividade profissional paralela (VIANNA, 2009, p.___

Além da pressão social que existe em cima da mulher para se tornar mãe, ainda há uma sutil proibição presente no senso comum de se arrepender de ter cedido aos caprichos sociais. Uma mulher como Juliana Reis, que tem coragem de se expor e dizer que não gosta da maternidade porque é difícil, cansativo e doloroso, foi publicamente taxada como ingrata, relaxada, depressiva, infeliz.

> [1]*In Israel, as in other countries, such a stance is unacceptable to the point that its very existence tends to be disavowed. Motherhood itself is rarely associated with regret, and the potential presence of regret is disregarded. Women considering motherhood do not have to reckon with discourses that intimidate them with future regret if they become mothers, since maternal experience is institutionalized as a rewarding and worthwhile experience despite the difficulties, come what may. In sum, whereas modes of regret may be evoked following any retrospective evaluation of life experience that entails human relationships and decision-making processes, since "misfortunes, losses, and mistakes are an inevitable part of life", motherhood is framed in many societies, Israel among them, as a mythical nexus that lies outside and beyond the human realms of regret*. (DONATH, 2015, p. 347)

Há toda uma cultura, respaldada pela religião e pela forma com que as pessoas são socializadas que dita a maternidade como algo sagrado, mas apesar de ser intrínseco esse tabu precisa ser desconstruído e discutido.

2.5 Documentário

De acordo com Lucena (2012, p.16), documentário é a edição de um conteúdo audiovisual captado por dispositivos variados (câmera, filmadora, celular), que reflete a perspectiva pessoal do realizador, ou seja, nem tudo é verdade no documentário. Lucena (2012, p.16) diz ainda que o documentário envolve informações colhidas no mundo histórico, ambientações em sua maioria realistas , roteiro final definido com objetivo de atrair a atenção do espectador.

É interessante esse aspecto do documentário ser tratado como um produto autoral, mesmo sendo produzido, em sua essência, para fins jornalísticos. Seguindo essa lógica é possível dizer que tudo no jornalismo é autoral e não existe imparcialidade 100% segura

[1]Em Israel, como em outros países, essa postura é inaceitável, a ponto de sua própria existência tender a ser rejeitada. A maternidade em si é raramente associada ao arrependimento, e a presença potencial de arrependimento é desconsiderada. As mulheres que consideram a maternidade não têm que contar com discursos que as intimidem com arrependimento futuro se se tornam mães, uma vez que a experiência materna é institucionalizada como uma experiência gratificante e valiosa, apesar das dificuldades, aconteça o que acontecer. Em suma, enquanto os modos de pesar podem ser evocados após qualquer avaliação retrospectiva da experiência de vida que envolve relações humanas e processos de tomada de decisão, uma vez que "infortúnios, perdas e erros são uma parte inevitável da vida", a maternidade é enquadrada em muitas sociedades, Israel entre eles, como um nexo mítico que está fora e além dos reinos humanos de arrependimento.

> Os documentários mostram aspectos ou representações auditivas e visuais de uma parte do mundo histórico. Eles significam ou representam os pontos de vista de indivíduos, grupos e instituições. Também fazem representações, elaboram argumentos ou formulam suas próprias estratégias persuasivas, visando convencer-nos a aceitar suas opiniões. (NICHOLS, 2009, p.30)

Por causa disso é preciso fazer uma seleção criteriosa a respeito de quais entrevistas estarão presentes no produto final, quais serão os temas abordados, a forma com que os planos e as sequências se dispõem, quais falas inserir ou não, enfim, a montagem final do documentário espelha as intenções de seu autor.

Apesar de tudo é bom destacar que mesmo tendo total liberdade para transformar o documentário em algo persuasivo e que provoca o espectador a concordar com o que está sendo dito, este projeto se refere ao trabalho de conclusão de curso de uma jornalista, e por isso o compromisso com a verdade e com a representação de todas as opiniões possíveis será mantido.

2.6 Entrevista

Entrevistar é uma arte que requer muita experiência, habilidade, jogo de cintura e, principalmente, sensibilidade. Ao longo da produção do documentário, foi possível descobrir todo um universo de entrevista, de diálogo e de como as pessoas se comportam na frente da câmera. Pequenos detalhes fizeram com que as fontes se sentissem mais a vontade para falar o que pensavam de verdade, e essa foi a chave para que fosse possível explorar a opinião delas.

Por exemplo, os entrevistados foram orientados a falar olhando para o entrevistador. Assim, a câmera apontada para eles não intimidaria tanto e, por vezes, até esqueciam que ela estava ali, gravando tudo. Além disso, foi estabelecido que o entrevistador iria ao encontro do entrevistado em um ambiente familiar para ele, a fim de deixá-lo ainda mais confortável. Portanto a maioria das entrevistas aconteceram nas respectivas residências ou escritórios das fontes.

> A entrevista é o procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo. É uma expansão da consulta às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstituição de fatos. (LAGE, 2012, p.73)

Com certeza este âmbito do jornalismo tem uma série de ramificações e não se pode comparar a entrevista cara a cara com aquela feita por e-mail ou telefone, por exemplo. Sem

dúvida esta foi a etapa mais enriquecedora profissionalmente; mais do que a edição, mais do que a preparação, finalização, enfim, a entrevista foi o ponto de maior aprendizado.

"Entrevista – O Diálogo Possível", de Cremilda Medina, foi o primeiro livro apresentado na graduação e cujos sentimentos fui entender apenas agora, nas etapas finais do curso. Logo nas primeiras páginas do livro, Medina afirma:

> Se quisermos aplacar a consciência profissional do jornalista, discuta-se a técnica da entrevista; se quisermos trabalhar pela comunicação humana, proponha-se o diálogo. (MEDINA, 2008, p.5)

Durante todo o livro, a autora defende que a entrevista pode ser mais do que apenas um jornalista extraindo informações de um especialista ou qualquer outra fonte. Quando a entrevista se transforma em um diálogo, entrevistador, entrevistado e espectadores conseguem absorver melhor o conteúdo e até mudar de ideia sobre o que está sendo falado. É necessário, porém, que o jornalista se desarme de suas próprias opiniões, preconceitos e julgamentos prévios para que a comunicação flua e o diálogo aconteça.

3 Planejamento do Produto Jornalístico

Assim que ficou definido o tema, o gênero e o formato do produto, o próximo passo foi discutir com o orientador a respeito de quanto tempo ele teria. Inicialmente, a ideia era finalizar com 26 minutos, mas devido à quantidade de entrevistados e temas abordados, foi necessário aumentar para 40 minutos.

Desde o início a ideia era produzir um documentário que tivesse um caráter mais para a internet do que para a televisão, já que o movimento feminista e as discussões sobre maternidade vêm ocorrendo com preponderância no meio virtual. Para isso, era necessário subir o produto final no *YouTube* e, em seguida, hospedá-lo em um site simples (link: https://goo.gl/LR7dsX). Não foi feito nenhum trabalho de divulgação pré-lançamento com o intuito de alcançar mais pessoas, mas como os entrevistados trabalham com a internet, pretende-se solicitar o compartilhamento do trabalho em suas respectivas fanpages, blogs e sites.

3.1 Passo a passo

O planejamento bruto do produto começou ainda no sétimo semestre, quando ficou decidido o tema e a projeção de fontes teve início. Como esse semestre aconteceu entre os

meses de novembro e março, seria complicado procrastinar o trabalho de produção, ou seja, entrar em contato com as fontes.

O passo seguinte foi escrever um pré-roteiro, seguindo uma orientação do professor Denis, que serviria de norte para as entrevistas e para a edição final. Inclusive foi graças a esse pré-roteiro, o qual naturalmente sofreu uma série de mudanças durante o processo, que foi possível escrever um roteiro específico de perguntas para cada fonte. Com um pré-roteiro ficou mais fácil estabelecer qual entrevistado falaria sobre cada assunto.

Depois de escrever o pré-roteiro, começou a etapa de entrevistas, que durou de dezembro a janeiro. Infelizmente não foi possível entrevistar todas as pessoas que a projeção inicial tinha em foco. A *youtuber* Helen Ramos, que tem o canal *Hel Mother*, era uma das fontes-chave, porém em janeiro ela saiu de férias e ela precisou ficar fora. Apesar disso, ao todo 9 pessoas contribuíram com suas ideias, opiniões e debateram sobre os temas propostos.

Tabela 1 – Entrevistados e Referências

Entrevistado	Referência
Flávio Marim	Flávio tem um blog sobre paternidade ativa que se chama Turno do Dia. Nesse blog, ele comenta sobre uma série de assuntos, que possam ou não influenciar a criação de seus filhos.
Joyce Cristina	Joyce é uma mãe que se arrependeu da maternidade e se dispôs a falar sobre isso no documentário. Ela foi encontrada com a ajuda dos administradores da página Cadê Você, que também é um projeto de TCC, mas que fala sobre abandono familiar.
Luciana Barros	Luciana é assessora de imprensa e empresária que não tem o desejo de ser mãe.
Mayra Hamdan	Mayra Hamdan é uma técnica em química que também não tem o desejo de ser mãe.
Michelle Occiuzzi	Michelle é jornalista e se enquadra no quesito “mãe solo”, ou seja, uma mãe que

	não é casada e é a principal responsável pela criação de seu filho Hector.
Otávio Barduzzi	Otávio é antropólogo e participa do documentário para expor sua opinião a respeito da reação da sociedade frente a uma série de situações apresentadas. Além disso, debate sobre aborto, abandono do pai e outras questões.
Polyana Pinheiro	Polyana fundou o Mães Amigas, uma organização em Campinas que oferece um clube de descontos e uma série de reuniões de apoio para mães.
Rafaela Schiavo	Rafaela é psicóloga e explica do ponto de vista de sua área os temas propostos pelo produto.
Thaiz Leão	Thaiz é designer e feminista. Ela tem o projeto Mãe Solo, que conta com livro e fanpage. Ela discute os temas do ponto de vista do feminismo.

4 Metodologia

4.1 Ideia inicial

A noção do que era feminismo chegou apenas na graduação, quando fomos apresentados a uma série de movimentos sociais que se manifestavam e exigiam das autoridades e sociedade mudanças e o cumprimento dos direitos humanos básicos. Foi um mergulho na vertente política das minorias, e, durante um período, ficou difícil acreditar que as coisas iam melhorar.

Apesar disso, a intenção era fazer um compilado de opiniões, fossem elas pessimistas ou otimistas a respeito da maternidade, ser ou não mãe, aborto e participação dos homens na criação. Mesmo que alguns entrevistados se colocassem céticos a respeito do futuro da humanidade, o tom do documentário é otimista. A ideia é expor os problemas, apontar o que precisa mudar e, a partir daí, torcer para que as pessoas atingidas façam sua parte.

Para que a estratégia desse certo, pedi à todas as fontes que fossem mães e pais que revelassem, ao final da entrevista, qual mensagem gostariam de deixar para seus filhos e para o mundo. Mesmo alguns sendo pessimistas com relação ao mundo, ninguém deseja que o filho fracasse. Portanto, o resultado foi positivo.

4.2 Execução

Já com as entrevistas marcadas e o pré-roteiro sendo desenvolvido, foram assistidos diversos documentários, com os mais diferentes estilos, para que pudesse me inspirar e encontrar ideias para a execução e edição. O que mais chamou atenção e o qual serviu como principal norte para edição, tom e formato foi "O Riso dos Outros", de Pedro Arantes.

Este documentário foi lançado em 2012, produzido pela TV Câmara com o intuito de mostrar a cena da comédia stand-up no Brasil e como o humor pode ferir determinados grupos sociais. Para isso, Arantes entrevistou pessoas como Rafinha Bastos, Danilo Gentilli, Nany People, Laerte Coutinho e Antonio Prata. Conforme o documentário se desenrola, alguns recursos foram acrescentados para que as transições de assunto fossem leves e divertidas, então o diretor usou tirinhas e cartuns dos próprios entrevistados, além de trechos de seus espetáculos.

Apesar de estarem falando sobre algo sério, a composição final ficou simples e bem editada. Era interessante trazer essa leveza para "Maternidade Compulsória" porque os temas em si são pesados e podem atingir os espectadores que discordam do que está sendo dito. Partindo dessa proposta, a designer Thaiz Leão permitiu que suas tirinhas fossem usadas da mesma forma que os cartuns em "O Riso dos Outros".

As entrevistas aconteceram, em sua maioria, na residência ou escritório dos entrevistados, para que ficassem mais a vontade com as perguntas. O roteiro para a entrevista foi construído antes do encontro e, quando a fonte sentia necessidade, podia ler as questões antes que fossem feitas. Mesmo com perguntas prévias, conforme a conversa se desenrolava, outros tópicos iam surgindo e o entrevistado tinha total liberdade para discorrer sobre os assuntos.

Depois de captar todas as imagens, a edição aconteceu relativamente rápido. Como já havia um pré-roteiro, bastava colocar cada comentário em seu devido lugar. Algumas fontes responderam perguntas iguais para que fosse possível existir uma impressão de conversa entre elas; inclusive alguns desses diálogos aconteceram sem intenção, mas aproveitados na hora de unir as opiniões.

O equipamento utilizado foi a câmera Nikon D3200, que filma em HD, e um microfone de lapela sem marca, o qual foi adquirido pela internet e que funcionou muito bem, apesar do baixo investimento. A iluminação das entrevistas é natural, sem uso de rebatedores e por isso alguns entrevistados ficaram com a aparência um pouco escura. Foi aí que descobri a importância de um bom rebatedor, porque mesmo contando com os recursos e efeitos do software de edição, nada como uma gravação que por si só garante uma boa imagem do entrevistado.

A edição foi toda realizada no programa Adobe Premiere Pro CC 2015, em computador próprio. Por esse motivo também a finalização foi feita em um período curto. O bruto da edição aconteceu por volta de apenas 3 dias inteiramente dedicados a essa tarefa. Posteriormente, detalhes como imagens de cobertura, legibilidade dos geradores de caractere e créditos finais demoraram ainda alguns dias para serem definidos.

Durante as gravações e edição ainda realizou-se a montagem do site na plataforma Wix (https://goo.gl/LR7dsX), para que ficasse hospedado o documentário, informações complementares sobre ele e também divulgar o trabalho dos entrevistados. O documentário foi finalizado com 40 minutos e 3 segundos; quando a edição acabou, este relatório foi escrito. É impossível estabelecer um cronograma exato do que aconteceu em cada período durante os meses de novembro e fevereiro porque a todo momento diferentes tarefas iam sendo realizadas; ao mesmo tempo que acontecia a produção com uma fonte, havia uma entrevista marcada para o dia seguinte enquanto a do dia anterior era decupada.

5 Considerações Finais

Não foi fácil e nem simples produzir, roteirizar, projetar fontes, gravar entrevistas, pensar desde o áudio até a iluminação e a forma com que se conduzia a conversa, lembrar das imagens de cobertura, editar, finalizar e montar um site. Apesar das dificuldades, do pouco tempo, a época do ano e os assuntos sendo um tanto quanto polêmicos, fazer esse trabalho me proporcionou crescimento pessoal e profissional.

Espero que quando as pessoas assistirem, possam olhar para suas próprias mães, tentando enxergar o quanto a vida delas se encaixa nos depoimentos e o que pode ser feito para melhorar, mudar, revolucionar a vida delas. Do ponto de vista das mulheres, o intuito é abrir espaço para elas falarem tudo que sentem sem julgamento, sem obstáculos, simplesmente desabafando a maternidade de todos os dias.

O maior aprendizado profissional se deu durante as entrevistas. Pelo menos no que diz respeito a documentário, quanto mais a vontade a pessoa está, melhor será sua desenvoltura. Com toda certeza posso dizer que faria tudo de novo, e de novo, e de novo. Com novos temas, novas pessoas, novos universos. As pessoas são muito ricas e suas histórias têm um valor que muitas vezes não é engrandecido como deveria.

Tive a honra de ouvir de Michelle Occiuzzi, uma jornalista com muitos anos de experiência, que pude conduzir sua entrevista com sensibilidade, capacidade e respeito. Características estas necessárias para que ela pudesse se abrir e explorar assuntos pessoais sobre os quais nunca havia falado para pessoas que não fossem da família.

“Maternidade Compulsória” é uma busca pessoal por entendimento e compreensão sobre o que é a maternidade no dia a dia, quando não existe facilidade, ajuda ou apoio. Não há pretensão de ditar o que é certo ou errado, mas simplesmente observar do ponto de vista das mulheres o que elas próprias passam todos os dias em silêncio, oferecendo assim a oportunidade ao espectador de esclarecimento e empatia.

Uma última consideração: o nome do projeto antes da apresentação era “Odeio a Maternidade, Amo Meu Filho”. Os membros da banca e o orientador sugeriram trocar o nome porque ele gerava determinada expectativa. Apesar disso, como o documentário já havia sido postado no YouTube, considerei mais proveitoso manter o nome antigo, já que muitas pessoas já relacionavam o nome ao projeto. É possível encontrá-lo aqui https://goo.gl/OKLEy7 ou aqui https://goo.gl/4Mo6gA.

Apêndice 1 – Roteiro

Direção e roteiro: Caroline Balduci de Mello

Secundagem: 40 minutos

VÍDEO	ÁUDIO
Cena 1: Abertura do Documentário Bebê tomando banho na banheira, cortes com ângulos diferentes Transição: Dissolução cruzada	BG Infinity, de Marco Margna Alternando com offs retirados das entrevistas que dão dicas do tema principal do documentário: maternidade, feminismo e desconstrução
Cena 2: Caso Juliana Reis Thaiz Leão em plano médio + imagens de cobertura do post de desabafo de Juliana Reis Transição: Fade out para preto	Cessa BG Thaiz explica com suas palavras o que aconteceu com Juliana Reis, que fez um desabafo em seu perfil no Facebook no começo de 2016
Cena 3: Caso Juliana Reis Comentários que usuários da rede social fizeram no post de Juliana aparecem sobre um fundo preto Transição: Dissolução cruzada	Várias vozes sobrepostas narram os comentários, misturando-se e expondo a violência que Juliana sofreu
Cena 4: Arrependimento da Maternidade Michelle Occiuzzi em plano médio Transição: Dissolução cruzada	Michelle comenta sobre como as mães são reprimidas por não poderem reclamar da maternidade e a pressão que sofrem da sociedade
Cena 5: Arrependimento da Maternidade Flávio Marim em plano médio Transição: Dissolução cruzada	Flávio fala sobre a dificuldade de ser mãe/pai, de como as pessoas julgam sem saber e que é normal se arrepender de ter filhos
Cena 6: Arrependimento da Maternidade	Rafaela diz que é possível se arrepender sim mas que as mães muitas vezes não se abrem

Rafaela Schiavo em plano médio Transição: Dissolução cruzada	sobre o assunto por medo da represália, por medo da forma como a sociedade vai reagir
Cena 7: Arrependimento da Maternidade Otávio Barduzzi em plano médio Transição: Dissolução cruzada	Otávio fala sob o ponto de vista da antropologia que o papel da mulher sempre foi ser mãe e a sociedade reage mal ao arrependimento porque não é considerado natural
Cena 8: Arrependimento da Maternidade Joyce Cristina em plano médio Transição: Dissolução cruzada	Joyce assume que se arrepende da maternidade
Cena 9: Arrependimento da Maternidade Thaiz Leão em plano médio Transição: Dissolução cruzada	Thaiz comenta o arrependimento de acordo com o feminismo
Cena 10: Não querer ser mãe Luciana Barros em plano médio Transição: Dissolução cruzada	De forma gradual e sutil, Luciana transiciona do assunto "arrependimento" para "não querer ser mãe", explorando o fato de que a vida é mais do que estudar, crescer, trabalhar, casar e ter filhos.
Cena 11: Não querer ser mãe Mayra Hamdan em plano médio Transição: Dissolução cruzada	Mayra fala o que é ser mãe para ela e diz que não quer ter essa experiência, comenta também sobre a pressão que sofre da própria ginecologista
Cena 12: Não querer ser mãe Rafaela Schiavo em plano médio Transição: Dissolução cruzada	Rafaela diz o que as pessoas esperam das mulheres e como elas são taxadas de egoístas e outras características só porque não querem ser mães
Cena 13: Não querer ser mãe Luciana Barros em plano médio	Luciana conta sobre o filho do namorado dela, que faleceu recentemente, e como as pessoas a abordavam no velório do menino,

Transição: Dissolução cruzada	dizendo que ela precisava dar um filho para ele
Cena 14: Não querer ser mãe Mayra Hamdan em plano médio Transição: Dissolução cruzada	Mayra expõe sua opinião a respeito de porque a sociedade pressiona e julga mulheres que não querem reproduzir
Cena 15: Não querer ser mãe Rafaela Schiavo em plano médio Transição: Dissolução cruzada	Rafaela comenta sobre quais podem ser as consequências quando uma mulher não quer ser mãe mas acaba cedendo à pressão da família, do marido ou da sociedade
Cena 16: Não querer ser mãe Flávio Marim em plano médio Transição: Fade out para o preto	Flávio fala que não há problema em não querer ser pai ou mãe; constituir família não é para qualquer um e só deveria fazer isso quem realmente tem vontade
Cena 17: TRANSIÇÃO Tirinha da Mãe Solo sobre a sobrecarga das mães que criam seus filhos sozinhas Transição: Fade out para o preto	BG: Mechanical Doll, de Sergey Kovchik
Cena 18: Mãe Solo Joyce Cristina em plano médio Transição: Dissolução Cruzada	Cessa BG Joyce fala sobre como a maternidade é romantizada
Cena 19: Mãe Solo Thaiz Leão em plano médio Transição: Dissolução Cruzada	Thaiz comenta o que significa o termo “mãe solo”
Cena 20: Mãe Solo Michelle Occiuzzi em plano médio	Michelle fala sobre como ainda existe um preconceito com as mães que não são casadas na sociedade e como elas precisam

Transição: Dissolução Cruzada	“ser melhores” que as outras mães para também serem ouvidas ou respeitadas
Cena 21: Mãe Solo Joyce Cristina em plano médio Transição: Dissolução Cruzada	Joyce lista as dificuldades em criar uma criança sem ajuda e tendo todas as responsabilidades da criação pesando sobre seus ombros
Cena 22: Mãe Solo Polyana Pinheiro em plano médio Transição: Fade out para o preto	Polyana fala sobre como é importante as pessoas acolherem as mães sem julgarem a situação pela qual elas estão passando, independentemente se estão sozinhas ou não
Cena 23: TRANSIÇÃO Tirinha da Mãe Solo sobre a participação do pai da criança Transição: Fade out para o preto	BG: Mechanical Doll, de Sergey Kovchik
Cena 24: Participação dos pais e abandono Flávio Marim em plano médio + imagens de cobertura dele brincando com o seu filho Pedro Transição: Dissolução cruzada	Cessa BG Flávio fala sobre como a mulher tem a “obrigação” de cuidar dos filhos e os homens não, aos olhos da sociedade
Cena 25: Participação dos pais e abandono Joyce Cristina em plano médio Transição: Dissolução cruzada	Joyce fala sobre como o pai de sua filha demonstrou que não seria um bom pai e marido e mal comparece com a pensão
Cena 26: Participação dos pais e abandono Flávio Marim em plano médio Transição: Dissolução cruzada	Flávio “conversa” sobre a situação que Joyce e muitas outras mães solo enfrentam diariamente e aproveita para falar sob o ponto de vista dos pais que são muito julgados no trabalho ou pelos amigos quando querem participar mais da criação dos filhos

Cena 27: Participação dos pais e abandono Otávio Barduzzi em plano médio Transição: Dissolução cruzada	Otávio revela quais são os papéis do homem e da mulher na sociedade de acordo com a antropologia, visto que "parece que o pai não tem tanta responsabilidade quanto a mãe"
Cena 28: Participação dos pais e abandono Luciana Barros em plano médio Transição: Dissolução cruzada	Luciana expões sua opinião a respeito da participação dos pais na criação dos filhos
Cena 29: Participação dos pais e abandono Thaiz Leão em plano médio Transição: Dissolução cruzada	Fala sob o ponto de vista do feminismo sobre a participação dos pais na criação de seus filhos
Cena 30: Participação dos pais e abandono Otávio Barduzzi em plano médio + imagens de cobertura sobre os brinquedos de menina, brinquedos de menino Transição: Fade out para o preto	Otávio defende que os homens precisam ser chamados à sua obrigação enquanto pais e dividir as tarefas por igual com as mulheres, visto que elas também trabalham. Além disso, comenta sobre a separação dos gêneros desde a primeira infância
Cena 31: Participação dos pais e abandono Flávio Marim em plano médio + imagens de cobertura sobre a história do Pedro; fotos dele no Facebook e a participação no programa Encontro com Fátima Bernardes Transição: Dissolução cruzada	Flávio explica sobre o blog Turno do Dia e sua história como pai participativo na criação do Pedro
Cena 32: Participação dos pais e abandono Thaiz Leão em plano médio Transição: Dissolução cruzada	Thaiz fala sobre como deveria ser a paternidade para que as mães não ficassem sobrecarregadas como elas estão hoje
Cena 33: Maternidade Compulsória Joyce Cristina em plano médio	Joyce comenta a diferença entre amar sua filha e o sentimento que tem pela maternidade, que são duas coisas

Transição: Dissolução cruzada	completamente diferentes
Cena 34: Maternidade Compulsória Thaiz Leão em plano médio + imagens de cobertura da mãe e bebê da abertura em outros momentos do banho Transição: Dissolução cruzada	Thaiz explica quais são as diferenças entre o amor pelos filhos e a maternidade em si
Cena 35: A importância do apoio às mulheres na maternidade Polyana Pinheiro em plano médio Transição: Fade out para o preto	Polyana fala sobre como é necessário a mãe não se esquecer que é uma mulher com necessidades, desejos e aspirações
Cena 36: TRANSIÇÃO Tirinha da Mãe Solo sobre a necessidade de políticas de inclusão para mães e crianças pequenas Transição: Fade out para o preto	BG: Mechanical Doll, de Sergey Kovchik
Cena 37: A importância do apoio às mulheres na maternidade Rafaela Schiavo em plano médio Transição: Dissolução cruzada	Cessa BG Rafaela revela que é muito importante poder falar mal da maternidade principalmente para a saúde psicológica das mulheres
Cena 38: A importância do apoio às mulheres na maternidade Polyana Pinheiro em plano médio + imagens da fachada da sede do Mães Amigas e dos eventos que a organização promove Transição: Dissolução cruzada	Polyana explica como surgiu o Mães Amigas, bem como quais são os principais eventos e como eles ajudam as mães a obterem uma rede de apoio
Cena 39: A importância do apoio às mulheres na maternidade Joyce Cristina em plano médio	Joyce fala sobre a importância que ela vê em poder desabafar com as amigas em grupos do Facebook sobre a maternidade que vive, livre

Transição: Fade out para o preto	de julgamentos ou opressões
Cena 40: Feminismo Luciana Barros em plano médio Transição: Dissolução cruzada	Luciana dá exemplos de como já passou por situações complicadas no trabalho sendo uma mulher
Cena 41: Feminismo Joyce Cristina em plano médio Transição: Dissolução cruzada	Joyce também dá exemplos de como já passou por situações complicadas, mas nas horas de lazer, sendo mulher
Cena 42: Feminismo Mayra Hamdan em plano médio Transição: Dissolução cruzada	Mayra explica que o feminismo pode ajudar as mulheres que não querem ser mães a mostrar para a sociedade que isso não é obrigação delas
Cena 43: Feminismo Luciana Barros em plano médio Transição: Dissolução cruzada	Luciana fala sobre como o feminismo pode ajudar as mulheres que não querem ser mães a mostrar para a sociedade que isso não é obrigação delas
Cena 44: Feminismo Thaiz Leão em plano médio + imagens da Agência Brasil de manifestações feministas no Brasil Transição: Fade out para o preto	Thaiz expõe o que é feminismo e como ele pode ajudar as mulheres num contexto geral
Cena 45: Aborto Joyce Cristina em plano médio Transição: Dissolução cruzada	Joyce fala sobre a reação das pessoas com sua gravidez; muita gente a incentivou a fazer um aborto
Cena 46: Aborto Rafaela Schiavo em plano médio	Rafaela dá sua opinião sobre o aborto

Transição: Dissolução cruzada	
Cena 47: Aborto Luciana Barros em plano médio Transição: Dissolução cruzada	Luciana Barros dá sua opinião sobre o aborto
Cena 48: Aborto Otávio Barduzzi em plano médio Transição: Dissolução cruzada	Otávio Barduzzi dá sua opinião sobre o aborto
Cena 49: Aborto Mayra Hamdan em plano médio Transição: Dissolução cruzada	Mayra Hamdan dá sua opinião sobre o aborto
Cena 50: Aborto Michelle Occiuzzi em plano médio Transição: Dissolução cruzada	Michelle Occiuzzi dá sua opinião sobre o aborto
Cena 51: Fechamento Thaiz Leão em plano médio Transição: Fade out para o preto	Thaiz comenta sobre como o mundo está ainda muito incoerente e como as coisas precisam melhorar para que a criação dos filhos seja melhor
Cena 52: Fechamento Imagens de cobertura da sede do mães amigas, do Pedro brincando com o Flávio Transição: Dissolução cruzada	BG: Emotional Ukulele, de Seastock Offs dos entrevistados falando sobre o que esperam para a vida dos filhos e para o mundo
Cena 53: Fechamento Joyce Cristina mostrando o caderno no qual	Continua BG Joyce explica a história da Kauany

escreve a história de sua filha Kauany Transição: Dissolução cruzada	
Cena 53: Fechamento Imagens de cobertura da Luciana brincando com seu sobrinho Miguel e da Michelle abraçando seu filho Hector Transição: Dissolução cruzada	Continua BG Offs dos entrevistados comentando o que esperam para os filhos e para o mundo
Cena 54: Fechamento Flávio e Pedro em plano médio interagindo Transição: Dissolução cruzada	Continua BG Flávio e Pedro conversando
Cena 54: Fechamento Michelle Occiuzzi em plano médio + Michelle com seu filho Hector interagindo Transição: Fade out para o preto	Continua BG Michelle deixa uma mensagem e depois Hector fala o que mais gosta em sua mãe
Cena 55: Fechamento Dedicatória Transição: Fade out para o preto	Sobre BG
SOBEM OS CRÉDITOS	

6 Referências Bibliográficas

DONATH, Orna. Regretting Motherhood: A Sociopolitical Analysis. **Signs: Journal of Women in Culture and Society,** Chicago, v. 40, n. 2, p.343-367, winter 2015. Disponível em: <https://www.academia.edu/9820246/Regretting_Motherhood_A_Sociopolitical_Analysis>. Acesso em: 05 out. 2016.

LAGE, Nilson. **A reportagem:** teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Editora Record, 2012. 189 p.

LUCENA, Luiz Carlos. **Como fazer documentários:** Conceito, Linguagem e Prática de Produção. São Paulo: Summus Editorial, 2012. 127 p.

MEDINA, **Cremilda. Entrevista – O Diálogo Possível**. 5. ed. São Paulo: Editora Ática, 2008. 96 p.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário.** 4. ed. Campinas: Papirus, 2009. 270 p. Tradução de: Mônica Saddy Martins.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1993. 181 p. (Tudo é História).

VIANNA, Cynthia Semíramis Machado. **Significados distorcidos, idéias retrógradas.** 2009. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/34235260/Cynthia-Semiramis-Vianna-Maternidade-na-midia-significados-distorcidos-ideias-retrogradas?content=10079&ad_group=Online+Tracking+Link&campaign=Skimbit,+Ltd.&keyword=ft500noi&source=impactradius&medium=affiliate&irgwc=1>. Acesso em: 05 out. 2016.